

AS MÁQUINAS E SEU PODER TRANSFORMADOR NA FICÇÃO DE RAY BRADBURY

Marilene Lázaro¹

Orientador: Francisco Carlos Carvalho da Silva²

Resumo: Ray Bradbury (1920-2012) escritor norte americano, é considerado um dos maiores expoentes da literatura do século XXI, romancista, poeta e ensaísta, um entusiasta da ficção científica. O presente trabalho tem por objetivo principal traçar uma análise sobre o conto *The Flying Machine* (1953) de acordo com o contexto da repressão e da evolução tecnológica na China a partir do ano 400, também apresenta os reflexos sobre a condição humana na busca pela evolução e pelo progresso. O autor usa elementos essenciais para que a consciência crítica do homem se destaque em meio a toda padronizações que o mundo oferece. Como base teórica, utilizamos André Bueno, Escritos Sínicos. (1999). Ray Bradbury, Fahrenheit 451, (1953). Sílvia Whelldon, ACHIEVE 3. (2010). Martin Scofield. The Cambridge Introduction ToThe American Short Story. (2006).

Palavras – chave: Ficção científica. Repressão. Evolução. Progresso.

Abstract: Ray Bradbury (1920-2012) is an American writer considered one of the greatest exponents of the twentieth-one century literature, novelist, poet and essayist, an enthusiast of science fiction. The main objective of this work is to draw an analysis of the short story *The Flying Machine* (1953) in accordance with the context of repression and technological developments in China from the year 400, and also presents reflections on the human condition in the quest for development and progress. The author uses essential elements for the critical conscience of man stands amidst the whole of standardizations that the world offers. As theoretical basis, we used Escritos Sínicos (1999) by André Bueno; Fahrenheit 451(1953) by Ray Bradbury; ACHIEVE 3. (2010) by Sílvia Whelldon; The Cambridge Introduction To The American Short Story (2006) by Martin Scofield.

Keywords: Science fiction. Repression. Evolution. Progress.

INTRODUÇÃO

No final do Séc. XIX e início do Séc. XX surge um tipo de literatura na qual alguns autores incorporam fatos científicos e ficção: A ficção científica. Esses textos apresentam registros diferentes, variando, do domínio técnico à narrativa poética, o que faz com que eles possam ser considerados como obras textualmente híbridas. O escritor americano Ray Bradbury (1920-2012) reconhecido ainda em vida, e conhecido por ter seus trabalhos adaptados para os quadrinhos, programas de televisão e telas de cinemas. Seus trabalhos são elementos essenciais para que a humanidade desenvolva a criticidade, ou seja, um maior nível de desenvolvimento que é ofertado diariamente. É exatamente sobre isso que falaremos neste artigo, o

¹ Graduanda em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. (UECE/FECLESC) E-mail: lena.lazar@hotmail.com

² Mestre membro do departamento de Letras Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. (UECE/FECLESC) E-mail: Carlos.oak@hotmail.com.br

poder centralizador das máquinas e o uso tecnológico que invade nossa contemporaneidade. Observamos que o autor norte-americano explora a evolução de máquinas que assola em nosso meio e nos remete a uma questão histórica e cultural da sociedade. Seria correto o uso tecnológico para melhorias de vida sem conhecer os possíveis efeitos e o impacto sobre a humanidade? São essas reflexões que se concentram em torno dessa análise, a partir do conto *The Flying Machine* (1953). Manifestaremos alguns questionamentos na intenção de esclarecer dúvidas sobre aspectos que permeiam essas mudanças ao longo da história, como por exemplo: Seria possível vivermos em um mundo sem a tecnologia? Seria a China ainda um país repressor onde a tecnologia impera? Sabemos apenas que o conhecimento é uma busca e consegue diferenciar o homem da máquina, esta que reproduz tecnicamente o que lhe é ordenado.

Sobre a repressão

Com o desenvolvimento científico e tecnológico, característica marcante da sociedade contemporânea, ressaltamos algumas causas e consequências que essa evolução tem se apresentado em nosso meio, interferindo muitas vezes em mudanças causadas pela repressão.

A definição de repressão, segundo o dicionário Aurélio,(2008) é “ato ou efeito de reprimir (-se)”, ou seja, não deixar livre, conter, coibir, refrear, limitar. Expressão de sentimento que sufoca, castiga, impõe ao ato, reprime; disfarçar. Sendo assim, quando alguém se reprime ou é levado a reprimir-se nos aspectos que constitui seu ser, esse indivíduo estará deixando de ser ele mesmo para ser outro, estará falseando a sua própria identidade existencial.

Quando se trata de repressão, lembramos Hitler e a Alemanha Nazista. Fala-se pouco sobre sua infância, de acordo com a revista Aventuras na História (2008), Hitler sofreu por toda infância nas mãos de seu pai, que nunca permitiu que ele cursasse as aulas de artes e por isso o reprimia, e desde jovem já apresentava uma personalidade forte e irritada. Com o passar dos anos e a morte de seu pai, resolveu ir à busca de seus desejos, até então reprimidos. KERSHAW (1940) afirma que para Hitler a Guerra foi a “mais inesquecível” e a “melhor época já vivida”, porém a notícia da derrota alemã, enquanto ele estava hospitalizado, fez com que o ódio

que estava acumulado em seu íntimo transbordasse de maneira explosiva e feroz. E na verdade, qualquer explicação do caráter e da extensão do poder de Hitler que não enfatize a repressão nazista seria gravemente falha, sabendo que seu poder se assentava no terror totalitário. Outra forma de reprimir encontra-se na Bíblia Sagrada, se atentarmos para uma leitura crítica, veremos que a repressão permeia quase todos os seus livros, principalmente no Antigo Testamento, em que o castigo era imposto cruelmente e guerras eram iniciadas em nome de “Deus”, da libertação, do poder. “Assim o reino ficaria reprimido, sem que ninguém pudesse levantar a cabeça, obediente aos acordos que tinha estabelecido”. E dessa forma surgiam às leis obrigatórias da época, a repressão, a regra e a obediência em diferentes culturas e meios sociais, que, por vezes, ainda encontramos em tempos atuais.

Sobre a forma de diferentes aspectos culturais, Santos (2009) assevera que “por mais diferenças que possam existir entre os países, todos partilham processos históricos comuns e contêm importantes semelhanças em sua existência social”. (SANTOS, 2009, p.33). Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Cada realidade cultural tem suas diferenças e identidades únicas, e suas transformações fazem parte de um contexto histórico que aprimora a evolução ou a destruição de um todo, cabendo a nossa geração o resgate e a continuação de valores para que não se possa perder a nossa identidade histórica.

No pensamento expresso por Morin (2004), além de seres culturais somos também seres naturais, físicos, psíquicos e imaginários, é preciso aprender com a própria condição humana de dualidade expressa na ideia de sabedoria humana. Entende-se que ao mesmo tempo em que o ser humano é múltiplo, ele é parte de uma unidade e sua estrutura mental faz parte da complexidade humana. Portanto, valoriza-se a unidade do gênero e se esquece da diversidade das culturas e dos indivíduos, esquecendo por vezes a unidade do ser humano.

Um breve histórico do império chinês.

Discorreremos acerca da repressão, cultura e do ser humano para que fosse possível chegarmos a civilização chinesa. Enquanto participantes de uma sociedade

tradicional, os chineses acreditavam que a melhor forma de viver não viria com a modernização, mas sim em repetir arquétipos do passado.

Por 1900 anos, os chineses levantaram muros para se proteger das invasões dos povos do norte que estavam em constantes guerras em busca de terras, que simbolizavam o poder. As primeiras paredes da grande muralha surgiram antes da unificação do império, em 221 a.C. Quando houve a transformação de sete reinos em um país, uma conquista do imperador Qin Shihuangdi (259-210 a.C.) a partir de 1664, quando os manchus, (povos que conquistaram todo o império chinês) elevaram o território da China na direção norte. Kafka (1965) ao escrever *A muralha da China*, baseado em fatos, o autor transforma História em ficção, transportando o leitor para o mundo construído pelos personagens quando se referia à construção da Grande Muralha:

A grande muralha da China foi construída por parcelas, em pequenos "pedaços", para que cada trabalhador nunca se apercebesse que não chegaria a sua vida inteira para ver a obra acabada.

Assim se explora a motivação e o entusiasmo do trabalhador anônimo. Este é o ponto de partida para um discurso em que o poder político é visto como uma superestrutura anônimo, sem rosto, sem corpo nem identidade, que paira de forma mística, auto-sacralizada, por sobre todos os súbditos, também eles anônimos e ignorantes. (KAFKA, 1965, p. 52).

A construção foi uma obra gigantesca e de acordo com os novos dados, baseados na análise de sítios arqueológicos na fronteira norte e oeste do antigo império, indicam que ela pode ter ultrapassado os 21 mil metros. O número foi divulgado pela agência de notícias Xinhua, com base em relatório da Administração Estatal de Patrimônio Cultural do País. A probabilidade de erros sobre as dimensões da construção tem a ver com o fato de que só uma parte relativamente pequena da obra foi feita com pedra alvenaria e telhas, conforme costumamos ver nas imagens de turistas que visitam o país. E com o passar desses anos, muitas áreas da muralha desapareceram, até mesmo pequenos trechos que foram feitos com materiais duráveis, hoje sofrem com mineração e vandalismo, atualmente algumas partes são usados como material de construção por aldeões.

Se atentarmos para a evolução chinesa veremos que o grande facilitador para o crescimento foi a chegada da tecnologia levada à China pelas empresas estrangeiras, que basicamente evoluiu e modernizou a partir da aceitação, mais adiante percebe-se que essa evolução poderia ter mudado a história do país há

anos, se a repressão e o egoísmo não fosse prioridade para os líderes chineses. Com o elevadíssimo número de produtos fabricados, os preços das produções ficaram baratíssimos em relação a outros mercados, iniciando aqui uma fantástica competitividade no mercado internacional. Provavelmente por isso que nos é comum encontrarmos a famosa frase “Made in China” em alguns produtos. Diante desse fato, o estado investiu na aceleração de trabalhadores ainda crianças, gerando o crescimento econômico ainda mais acelerado por meio de fortes investimentos na construção de portos, aeroportos, pontes, ferrovias, etc. Atualmente, com um alto nível do crescimento econômico, a China enfrenta novos desafios, o principal deles talvez seja, ironicamente, o de reduzir a completa dependência em relação ao comércio exterior, das multinacionais, e tentar organizar-se na elaboração de uma economia semelhante à ocidental, baseada no consumo interno, na tecnologia de ponta e nos serviços. A verdade é que não se sabe, ao certo, até onde a modernização chinesa chegará.

É uma história de lutas, derrotas e conquistas, o soviético N. S. Kruschiov, presidente do Conselho de Ministros da URSS, em uma carta aberta às organizações partidárias, publicada em 1963, fala sobre a situação de abandono e repressão da população diante de valores e conquistas, e que seus dirigentes e líderes esqueceram rápido os grandes contribuintes em busca de uma nova vida, visão e orgulho de pertencer a uma grande potência de pessoas que buscam a satisfação no trabalho e orgulham-se com o crescimento do país, como descrito a seguir:

"O heroico povo chinês, amante do trabalho, sob a direção do seu glorioso Partido Comunista, demonstrou de quanto é capaz um povo quando toma o poder em suas mãos... Agora, todos reconhecem os êxitos do povo chinês, do Partido Comunista da China. Os povos da Ásia e da África veem por que caminho, com que regime podem ser realmente desenvolvidos os talentos, as forças criadoras dos povos, quando o povo pode mostrar em toda a amplitude e profundidade sua poderosa força criadora"³.

Assim, as conhecidas e grandes obras da civilização mundial são críticas à ideia de que parte do que chamamos cultura possa ser facilmente separadas em “civilizadas” e “bárbaras” indiscutivelmente, essa hipótese nos faz refletir e nos alerta

³ <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1963/07/14.htm>. Acessado em 02/03/2013.

para o fato de que essa barbárie surge do mais íntimo de nosso ser, estamos sob os próprios impulsos destrutivos, muitas vezes de forma inocente, leva-nos a crer que se possa julgar e subestimar, onde o superior é sempre o que tem uma conta bancária maior, isso claramente termina gerando um grau de autoritarismo e crueldade inigualável, através de ações que são reflexos da economia mundial, lembra-se logo o que muitos autores escreveram sobre fatos históricos que marcaram os tempos. Euclides da Cunha captou na Guerra de Canudos, ao observarmos que a política externa americana insistiu durante tantas décadas em apoiar ditadores por suposto anticomunismo e antiterrorismo, como Kadafi, até que as primeiras nações árabes do Norte da África deram seu grito de liberdade. A China, a exemplo, acertou em seu próprio caminho.

No Brasil, é perceptível, que o conhecimento que vigora é formulado principalmente por sociólogos, artistas e um suficiente número de bons escritores do século XX para cá, diz que existe uma vocação para a homogeneização social, racial e sexual, a aceitação das diferenças que é outro aspecto enfrentado na civilização moderna e democrática. Salientando aqui, que boa parte da população ainda desconhece educação de qualidade, bons livros, cinemas e arte em geral, instrumentos necessários na evolução da mente humana durante o processo de aprendizagem e conhecimento, pois não queremos que a civilização brasileira seja igual à americana, à europeia, à asiática, e se assim fosse, não seria civilização, mas, seria suficiente que tivéssemos as condições necessárias para que uma parte de nossos habitantes pudesse partilhar de justiça, saúde, liberdade, conhecimento e criatividade, sendo assim, os valores culturais de uma civilização não seriam perdidos no tempo.

Sobre o autor

Ray Douglas Bradbury é um desses indivíduos cuja escrita mudou a forma como as pessoas pensam. Seu grande número de obras publicadas, entre poemas, contos, romances, peças de teatro, roteiros de televisão, exemplificam a imaginação americana no seu potencial de evolução. Seus livros *The Martian Chronicles*, (Crônicas Marcianas, 1950), *Fahrenheit 451* (1953) e *Something Wicked This Way Comes* (1972) são considerados obras-primas. Seu apelo constante para o público

provou que ele é um dos autores verdadeiramente clássico do século XX e XXI. Suas obras publicadas abordam temáticas como: racismo, censura, tecnologia, guerra nuclear, valores e a importância da imaginação. Sua arte foi reconhecida no mundo da literatura pelo impacto que ele teve sobre tantos, por tantos anos, através dos livros adaptados para o cinema, sobretudo, suas coleções de contos. Recebeu a Medalha da Fundação Nacional do Livro em 2000 pela distinta contribuição nas cartas americanas e da Medalha Nacional de Artes, em 2004. Foi homenageado por diversos e importantes meios de comunicação mundial, como o site Open Culture que divulgou dois vídeos de Bradbury. No primeiro, de 1970, o autor fala que a literatura é aquela válvula de segurança da civilização, aquilo que nos faz imaginar sentimentos que não experimentaríamos na realidade; no segundo vídeo, de 2001, o autor sugere aos jovens escritores que incluam visitas frequentes a bibliotecas e que escrevam sempre com alegria e prazer sem pretensão de enriquecer, não com os próprios textos.

Bradbury em seu romance *Fahrenheit 451*(1953) sua obra mais conhecida a nível mundial, discorre sobre a imposição e a possibilidade de futuro em uma sociedade em que os livros serão queimados e desaparecerão, ao ser substituído por máquinas. Na história, o governo não permitirá que qualquer pessoa tenha sequer um livro, alegando que o conhecimento e as pessoas em si não são reais e os eventos ali registrados nunca aconteceram. Para engrandecer esse contexto, o narrador discorre sobre a figura dos bombeiros, cujo papel não é mais o de apagar incêndios, já que as técnicas de segurança alcançaram patamares nunca antes imaginados, mas sim o de queimar livros. E o próprio nome da obra é uma referência ao fogo, pois o grau 451 da escala Fahrenheit é a temperatura necessária para por fogo nos livros. Na realidade, com a remoção dos livros, as pessoas não têm a capacidade de questionar e pensar de forma independente. Consequentemente, os livros que são encontrados são queimados e destruídos. O conhecimento perdido desses livros é substituído pela tecnologia. Por exemplo, televisores, carros, computadores e todo um aparato de inovações. O personagem principal começa a se sentir como uma das máquinas. E assim, o narrador utiliza elementos fictícios em sua história, com a arte de combinar crítica social com os perigos tecnológicos. Teme máquinas porque ele vê a aproximação do perigo, que viria a causar em uma sociedade que se torna muito dependente delas, como a

sociedade vivida e compartilhada por todos. Para expressar suas dúvidas, questiona sobre o tema, com a possibilidade de fazer as pessoas pensarem e evitar tais catástrofes, deixando a máquina sob o domínio humano e nunca inverter a situação.

Embarcamos nesse mundo de descobertas e imaginação que o autor nos transporta para um conhecimento científico e imaginário de seu saber. Autor de obras que se tornaram referências do gênero, Bradbury era dono de um talento inigualável para criação de narrativas em futuros imaginários. Se de alguma forma, suas obras se tornassem datadas e entrassem em contato com o futuro, tornando-se presente, ele em sua experiência, buscava a escrita fictícia para falar da realidade. Certa vez quando interrogado sobre seu gênero, retrucou de forma sábia: "ficção científica é uma ótima maneira de fingir que você está falando do futuro quando na realidade está atacando o passado recente e o presente"⁴. (Bradbury em entrevista-2000). Três dias antes de sua morte, o autor publicou *Take me Home*, (2012).

The Flying Machine

Segundo Gotlib (1998), o que constitui o conteúdo do conto é "um curto episódio, um caso humano interessante, uma recordação, um acontecimento impressionante, etc.". Assim, o conto é uma narrativa breve, de curta extensão, caracterizado por elementos limitados, como: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço, de linguagem simples que apresenta de forma concisa o ponto de vista narrado. Dessa forma, não se limita apenas a um elemento, mas em mostrar como esses elementos, bem como outros fatores, contribuem na composição do sentido da narrativa. Embora sendo ficção, essas narrativas destituem barreiras entre o que é realidade ou não. Portanto, toda essa descrição feita pelo narrador oferece a possibilidade de que o leitor tenha uma imagem tanto física quanto psicológica do espaço e, por extensão simbólica, da própria existência do protagonista.

The Flying Machine (1953) é um conto sobre tecnologia, ocorre na antiga China, no ano de 400. Foi publicado pela primeira vez em *Golden Apples of the Sun* (1953, Doubleday and Company) e reimpresso em *O Som do Trovão e outras*

⁴ Entrevista disponível no site: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteeelazer,autor-de-ficcao-cientifica-ray-bradbury-morre-aos-91-anos,883151,0.htm>. Acessado em 21/03/2013.

histórias, (2005, HarperCollins Publishers). Trataremos aqui, sobre a concentração e o poder das máquinas escrito pelo autor, abordando o passado e presente, a evolução dos homens e das máquinas, isso porque, por trás de toda tecnologia e máquinas futurísticas, trata de um tema que torna sua obra atemporal: a condição humana.

Muitas máquinas foram utilizadas durante os últimos anos para fornecer ao homem várias funções e suprir necessidades locomotivas no tempo e no espaço. O homem é o criador, e suas invenções estão cada vez mais evoluídas com o passar dos anos. O homem primitivo começou este processo de pensamento quando ele projetou suas ferramentas simples, proporcionando a outros, ideias mais complexas. Este crescimento industrial deu origem a novas máquinas que podem superar com maior exatidão e rapidez do que a mão de obra humana. Enquanto a humanidade entra nesta era de crescimento industrial, surgem dúvidas se essas descobertas são totalmente progressivas, e sem consequências de prejuízo humanitário. Sabendo, pois, que essas ferramentas inteligentes podem acabar por destruir um país, o mundo talvez, primeiro porque elas estão ligadas entre si em redes de intercomunicação, limitando ao homem apenas, a capacidade de compreender e controlá-las. Segundo por que mesmo dependente da inteligência humana, elas podem ser objetos muito poderosos, por exemplo, elas podem criar suas próprias línguas, compor música, memorizar os padrões e as leis, e com um curto intervalo de tempo, instiga o homem a repensar novos aparelhos no intuito de satisfação pessoal e egocêntrica. Será que o poder de máquinas, eventualmente, resulta em uma sociedade que não tem autossuficiência, singularidade e inteligência porque somos manipulados e dependentes delas? Será que a sociedade já não tem a capacidade de ser capaz de enfrentar crises e vida sem elas? Ao longo da história, o homem tem vindo a salientar esta preocupação em muitas formas, incluindo livros, artigos, filmes, peças de teatro e palestras. O autor Ray Bradbury, usa a escrita como uma forma de expressar o uso indevido de máquinas e seu potencial para desestruturar a sociedade e seus habitantes. *The Flying Machine* (1953) surge como uma história clássica que mostra como os homens usam máquinas e como elas influenciam a vida de seus personagens, despertando o medo de toda sociedade, embora tais ideias não perpassem as mentes de seus inventores.

Discorrendo sobre essa temática, o conto *The Flying Machine*, (1953) nos remete há um passado distante, porém, a história, limita-nos a questionamentos e dúvidas constantes sobre a atual sociedade. Voltemos ao ano 400, no grande Império chinês, uma cidade próxima às muralhas da China, de onde é possível ver as montanhas, ouvir o som das águas do rio que situavam a região, os pássaros a cantar, sentir o clima suave e a brisa do amanhecer, era o primeiro dia do segundo mês do ano novo, a terra molhada com as chuvas e o verde dos campos avisava que teriam boa colheita. Os moradores conformados por viver em uma cidade pacífica, onde o imperador mantinha o controle total, mesmo sem sair de seu trono, lugar este que o velho governante apreciava melodias que saíam de uma caixinha pequena que ficava ao lado de seu trono, espécie de caixa musical, desde já nota-se as descobertas da época. A fidelidade de seus servos garantia-lhe o sossego do lugar. Homem aparentemente justo, fiel ao seu império e ao seu poder, orgulhava-se por manter a região longe de disputas e guerras, há anos não se ouviam ataques inimigos, e o equilíbrio apaziguavam por todo o império. Dificilmente a guarda era solicitada, tudo se resolvia com o diálogo e a generosidade do velho e sábio imperador. Porém, um jovem habilidoso após anos de trabalho consegue chegar ao fim de sua mais nova descoberta. Uma máquina. Construída com papel e bambu, sua esposa até chegara a perguntar que utilidade teria aquele objeto, mas o moço nada dizia, por certo, chegara o dia e ele agora poderia arriscar-se fazendo manobras no ar, tal como um pássaro, ansiava por liberdade. Inevitavelmente, um servo, nas primeiras horas matinais, que já estava a cuidar dos jardins imperiais, ouviu gritos que vinham dos céus e encantado com a cena, pois a chamar pelo seu senhor, este, por um instante tranquilizou o fiel servo e somente após o chá, resolveram sair para ver realmente o que acontecia. Ao atravessar o jardim e a ponte o imperador observou o jovem rapaz sobre uma máquina dando voltas e brincando no ar. Por um momento Yuan pensou em seu Império, em seu poder, a saber, que prováveis mudanças viriam acontecer naquele lugar. Viu seu país em risco por conta de uma inocente invenção, mas viu também a beleza de admirar a natureza do alto através do olhar e do sorriso do jovem rapaz, mas, para proteger seu império ele está disposto a tomar as mais drásticas decisões. E as ordenou.

O clima torna-se tenso, por vezes, quando o imperador ordena com um simples aceno que o jovem desça de imediato para uma conversa. Ao longe, um

agricultor percorre com o olhar o trajeto que o jovem faz até chegar de volta ao solo. O desenrolar da história começa quando o imperador durante um diálogo questiona o porquê da criação, e quem mais na cidade saberia da construção e da utilidade daquele objeto. Após um pensamento rápido e calculado, de acordo com o percurso que os personagens andaram até chegar de volta ao palácio, a decisão é tomada com simples bater de palmas acionando a guarda imperial, que a partir de então é dada a sentença fatal, o homem apela para a bondade do seu senhor, implora por piedade, explicando que sua invenção teve apenas a intenção de trazer beleza e liberdade para o mundo. Yuan é um personagem que verdadeiramente mostra preocupação com o Império, embora suas intenções sejam nobres, o que nunca é dito explicitamente na história, o leitor tem a impressão de que ele, como o homem com a posição mais poderosa na China e, portanto, vinculado a todas as responsabilidades, desperta um sentimento de cobiça sobre a felicidade e a superioridade do aviador, uma sensação de possuir aquilo que a ele não pertencia, a vida daquele homem simples que parece ser tão livre. Pensou de imediato em suas pequenas descobertas que julgavam serem as únicas em todo império, para tal decisão o imperador precisava de argumentos que mostrassem sua justiça e bondade sobre todos, fazendo valer sua autoridade e seu poder de reprimir. Surge a ideia de comparar as duas máquinas, a do jovem inventor e a do Imperador que ele mesmo faz questão de apresentar expondo sua utilidade, que ao abrir o objeto é possível escutar um som que tranquiliza que traz harmonia e pureza envolvendo e contagiando o ambiente. Uma espécie de caixinha musical, onde ele, orgulhoso, mediria a beleza diante dos elementos naturais que aos olhos imperiais só traziam paz e tranquilidade para o ambiente, ao contrário da criação do jovem que despertara nas pessoas que viram tamanha grandeza, o medo de um ataque inimigo, a representação do perigo que apagava a beleza daquela máquina, aparentemente Yuan lamentava pela vida do jovem, pois estava convicto que aquele rapaz não seria capaz de realizar tamanha maldade, mas que infelizmente sua criação poderia chegar a mãos erradas, e acabar por destruir a paz que há muitos custaram. É nesse ponto que o Imperador diferencia as criações mostrando as vantagens e desvantagens da máquina, mas toma a decisão de destruí-la juntamente com seu criador por causa de sua potente ameaça para tirar vidas, colocando assim em risco a Grande Muralha da China e seus habitantes, por

consequência a decadência de seu império. Apresentamos abaixo um trecho do conto em que o Imperador friamente refuta ao apelo do inocente homem.

"Não é lindo?" disse o Imperador. Se você me perguntou o que eu fiz aqui, eu poderia responder-lhe bem. Fiz pássaros cantar, eu fiz o murmúrio das florestas, e tenho posto as pessoas a caminhar nesta floresta, aproveitando as folhas, as sombras e músicas. Isso é o que eu tenho feito. (...)
"Por quê? Por quê?"
"Quem pode dizer que um dia, apenas um homem, em apenas uma máquina de papel e bambu, não pode voar no céu e soltar enormes pedras sobre a Grande Muralha da China?" disse o Imperador.
Ninguém se moveu ou disse uma palavra.
"Cortem-lhe a cabeça!" disse o Imperador."⁵
(BRADBURY, 2012.p.3)

Abordamos detalhes explícitos sobre a repressão e a condição humana que foi imposta sobre o jovem, que é característica marcante da época, diante de uma leitura mais aprofundada, nota-se a firmeza e determinação imperialista de forma cruel quando além de mandar cortar a língua de seu servo fiel, para que ele não venha a cometer a loucura de falar sobre seu deslumbramento com a grande e inovadora descoberta, a criação que, despertou naqueles que viram o desejo de voar sobre os céus, e sentir a brisa do vento em seu corpo, quando ao imaginar que do alto tudo seria mais belo e emocionante, quanto ao agricultor que observava ao longe, e que também não passou despercebido aos olhos do grande imperador, a este, mandou arrancar-lhe um de seus olhos, garantindo que, se de alguma forma, mais alguém soubesse daquele episódio, não seria tão justo como de costume, não pouparia suas vidas. Daí, orgulhoso de si, pôs-se a ouvir sua caixinha, olhando seu campo verde e florido, imaginando que tudo não passara de um sonho.

Vale resaltar que de início o cenário que nos é apresentado é de calma e tranquilidade, o imperador Yuan estava preparando os moradores para colheita, o clima é verde e sereno, mas enquanto toma seu chá abana-se sobre a brisa quente que invade seu trono, possivelmente uma máquina de aquecer o frio, já que era

⁵ "Is it not beautiful?" said the Emperor. "If you asked me what I have done here, I could answer you well. I have made birds sing, I have made forests murmur, I have set people to walking in this woodland, enjoying the leaves and shadows and songs. That is what I have done. (...)
"Why? Why?"
"Who is to say that someday just such a man, in just such an apparatus of paper and reed, might not fly in the sky and drop huge stones upon the Great Wall of China?" said the Emperor.
No one moved or said a word.
"Off with his head," said the Emperor."
(BRADBURY, 2012. p.3)

inverno e a brisa que inundava seu trono era quente. Podemos ver nesse detalhe um fator primordial porque o ambiente sugere renascimento, inovação, e ao atentarmos para os primeiros dias que estão sendo usado durante o texto, remetemos a novos começos, a chuva que traz o verde da esperança e água em forma de purificação, tudo ocorre em seu palácio, em volta ao campo, próximo a Grande Muralha da China, que representa força e beleza. Em contra posição essa naturalidade é transformada no mundo mecânico do inventor, que sente em sua pele o doce ar da liberdade, e a alegria de poder voar, e vê a grandeza que podia alcançar.

Bradbury, no conto *The Flying Machine* (1953) usa muitos recursos literários como a linguagem, imagens sensoriais e a metáfora, dos quais se destaca como sendo o grande colaborador dos elementos ficcionais exposto na narração, proporcionando uma viagem que mistura ficção e História como elementos engrandecedores para o conto. O narrador conta-nos a história levantando questionamentos sobre o que poderia ou poderá acontecer com a chegada da tecnologia. Os personagens são poucos, característica do conto, e planos, exceto o jovem criador que toma a decisão de mudar, transformar, um convite ao leitor a prosseguir no enredo, centralizando a evolução, deixando-nos mergulhar na relevância que as máquinas exercem. Surgem imagens constantemente para trazer o leitor primeiramente ao mundo perfeito criado pelo imperador, o mundo calmo e sereno, ativando nossos sentidos ao saborear o chá, sentindo a brisa quente sobre o rosto, os sons dos pássaros a cantar, a paisagem que cerca o lugar, entende-se como um lugar pacífico onde tranquilamente é possível viver sem as preocupações diárias. As metáforas são empregadas para fazermos comparações, tomamos, por exemplo, a descrição da invenção. “*The flying man with a rustle of paper and a creak of bamboo reeds*”.⁶ (BRADBURY,2012, p. 02) É uma descrição positiva que nos leva a pensar que, realmente a máquina não é prejudicial, não fosse pela descrição do servo fiel que logo no início compara o homem voando com um dragão de papel e bambu, logo lembramos que dragões nos remete a lembranças de animais

⁶ “Um homem voando com um barulho do papel e um ranger de canas de bambu”.

perigosos, que causa danos as pessoas e ao meio que elas se encontram, portanto, em justaposição destaca-se a beleza e o perigo que as máquinas representam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Usando todos esses elementos: narrador, personagens, ambiente, enredo e o ponto de vista de quem narra, de forma eficaz, Bradbury demonstra um pensamento distinto, que comunga com o de outros autores. Por vezes, seu estilo é mais figurativo do que literal, para que se possa entender e refletir sobre suas ideias através da linguagem que é simples e direta para que se compreenda os conceitos que estão sendo apresentados. O narrador envolve os leitores na história a medida que desperta o respeito e a obediência como o servo fiel, a liberdade inicial e o medo final do inventor, bem como um ar de confiança e desapego nas palavras do imperador, que destaca seus traços de caráter e aumenta a veracidade da história, suscitando uma reflexão sobre essa evolução tecnológica que o conto apresenta.

Desde a revolução industrial, a partir do século XVIII, máquinas são usadas para tornar o trabalho mais fácil e a vida mais conveniente. No entanto, ainda precisamos questionar até que ponto iremos com o crescimento ilimitado desses objetos. Os trabalhos de Bradbury são, em sua maioria, de ficção científica, existe uma conexão do conto analisado com muitos eventos que aconteceram e continuam acontecendo no mundo. Este é um fato que entra em contexto com o conto *The Flying Machine* (1953), desde que o impacto da tecnologia é questionado por muitos leitores, quando o Imperador ordena que mate e destrua o criador e a criação.

Como Ray Bradbury, o autor britânico Edward Morgan Foster expressa seu temor de máquinas ao escrever o conto *The Machine Stops* (1909). Forster usa essa história para expressar o receio de que a sociedade chegue ao ponto em que as pessoas começam a esquecer a falta de interação social, porque são envolvidas pela tecnologia e máquinas. George Orwell, (1903-1950) foi um outro autor britânico que expressou o desenvolvimento tecnológico e assustador a respeito das máquinas. Seu livro *1984* (1949) é uma forma de descrever um mundo em que um partido no poder observa cada movimento de seus habitantes. A história de George Orwell *1984* (1949) acontece em uma cidade sombria em um país aterrorizante, onde uma poderosa máquina, conhecida por *Grande Irmão*, que é, na verdade, o poder do Estado, está sempre observando as pessoas. Neste livro, Orwell mostra um medo de um formulário que controla totalmente sob a forma de um governo em que o controle é definido pela presença de máquinas que manipula as pessoas.

Embora Bradbury, Forster e Orwell tenham vivido em épocas diferentes, uma de suas temáticas em comum é o avanço tecnológico e o impacto que ele tem sobre a sociedade e seu povo. O autor em questão mostra nitidamente em seu conto *The Flying Machine* (1953) e em seu romance *Fahrenheit 451* (1953) sua atenção com a evolução tecnológica e toda a modernização que esses avanços proporcionam. O conto analisado mostra o medo de um homem sob uma nova máquina e seu potencial para destruir a própria vida, seu poder e seu império, por isso, a possibilidade de fracassar diante de uma nação, colocando em risco um povo cujas batalhas foram vencidas pelas mãos dos mais antigos, que por proteção construíram a grande muralha feita à mão. Nesse sentido, o autor reforça seu pensamento no livro *Fahrenheit 451* (1953), onde expressa a preocupação de que os livros e o conhecimento serão substituídos por máquinas que manipula, em vez de estimular a mente. Por sua vez, o autor Forster aborda em seu conto *The Machine Stops* (1909) que a sociedade perceberá que já não há necessidade de interação uns com os outros, porque as necessidades são satisfeitas apenas por descobertas tecnológicas. Finalmente, em *1984* (1949), Orwell constrói uma trama onde a sociedade é submetida aos perigos potenciais de um governo totalitário, e nesse governo, obviamente, terá a intenção de manipular e controlar o seu povo através da utilização de máquinas. Ray Bradbury no conto *The flying Machine* (1953) utilizou-se da ficção para desenvolver nos leitores o uso frequente das máquinas e o poder transformador que a tecnologia exerce na atual sociedade.

REFERÊNCIAS

Aventuras na História para viajar no tempo, revista. **1968, o ano que moldou o mundo**. Ed.58. Maio de 2008. Abril. Edição comemorativa.

Aventuras na História para viajar no tempo, revista. **Igreja e Nazismo**. Ed. 67. Fevereiro de 2009. Abril.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Nova Iorque: Ballantine Books, 1953.

BUENO, André. Sinologia; História Chinesa; Literatura Chinesa. **Escritos sînicos. Cem textos de histórias chinesas**.1999. Contato: orientalismo@gmail.com

BURTON, S.H. **Modernos Contos**, Ed., Longman. Patrimônio da Literatura série. Longman Group Ltd, Grã-Bretanha/ 1970.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**: volume 3/ Gilberto Cotrim. – 1.ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. 1955, **Saber e fazer história: história geral e do Brasil**, 8º ano: consolidação do capitalismo e Brasil Império – 5. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2009.

Dicionário **Larousse** Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural.

DOWBOR, Ladislau. **Formação do Terceiro Mundo**/coleção Tudo é história. 9º Ed. Brasiliense, 1988.

Ezequiel In: **A BÍBLIA SAGRADA**. Trad. João Ferreira de Almeida. 1º Ed. 2008. São Paulo. Co-edição.

FAIRBANK, John King, GOLDMAN, Merle. **História Geral**. L& PM editores. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**/ Coordenação e edição Marina Baird Ferreira/ Margarida dos Anjos – 7.ed. – Curitiba: Editora Positivo; 2008.

FORSTER, E.M. **The Machine Stops**. Complete Unabridged. First published in the Oxford and Cambridge Review in 1909.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. Série Princípios. 8º edição. Editora Ática. São Paulo, 1998.

KAFKA, Franz. **Muralha da China**. São Paulo: Nova Época, [19--]

KERSHAW, Ian – **Hitler**; tradução, Vera Ribeiro. Revisão técnica, Samuel Salinas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed. 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF. UNESCO, 2004.

MOTA, Myriam Becho. **Das Cavernas ao terceiro Milênio/** Myriam Becho Mota, Patrícia Ramos Braick. - 1. Ed. – São Paulo, 2005.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

Oxford University Press, 1999. First published, seventh impression, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. Tradução. Marcos Santarrita e Maria Célia Paoli. 2º Ed. Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. Coleção 110. Primeiros passos. Editora brasiliense, 16º edição, 1996. 16ª reimpressão, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 5 ed. Campinas (SP): Autores Associados, 1999. (Coleção educação contemporânea).

SCOFIELD, Martin. **The Cambridge Introduction to the American Short Story**. Published in the United States of America by Cambridge University Press, New York, 2006.

WHELLDON, Sílvia. CAMPELL, Collim. MATTOS, Airton Pozo. **ACHIEVE 3**. Ed. Oxford-2010. Escolas associadas a Unesco, para educação, ciência e cultura.

Sites:

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1963/07/14.htm>. Acessado em 02/11/2012.

Entrevista disponível no site: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,autor-de-ficcao-cientifica-ray-bradbury-morre-aos-91-anos,883151,0.htm>. Acessado em 21/01/2012.